

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE AMADEO GIORGI: ALCANCES E LIMITES

BARBOSA¹, Caroline Garpelli

Resumo

O presente artigo, de natureza teórica, tem como objetivo apresentar e discutir uma das propostas metodológicas mais utilizadas e difundidas no interior da tradição fenomenológica no campo das pesquisas qualitativas em psicologia, que é o método desenvolvido por Amadeo Giorgi e fundamentado na fenomenologia de Edmund Husserl. O intuito será demarcar as possibilidades de realização desse método, bem como discutir alguns de seus alcances e limites. Ao final, o texto traz algumas indicações de que a perspectiva hermenêutica parece oferecer uma possibilidade mais ampla e historicamente situada acerca do fenômeno a ser estudado quando comparada ao método mais tradicional de Giorgi, sendo talvez um complemento a esse.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Método fenomenológico; Amadeo Giorgi; Fenomenologia; Hermenêutica.

CONSIDERATIONS ON THE PHENOMENOLOGICAL METHOD OF AMADEO GIORGI: SCOPES AND LIMITS

1

Abstract

This theoretical article aims to present and discuss one of the most used and widespread methodological proposals within the phenomenological tradition in the field of qualitative research in psychology, which is the method developed by Amadeo Giorgi and based on the phenomenology of Edmund Husserl. The intention will be to demarcate the possibilities of carrying out this method, as well as to discuss some of its scope and limits. At the end, the text brings some indications that the hermeneutic perspective seems to offer a broader and historically situated possibility about the phenomenon to be studied when compared to Giorgi's more traditional method, perhaps being a complement to it.

Keywords: *Qualitative research; Phenomenological method; Amadeo Giorgi; Phenomenology; Hermeneutic.*

CONSIDERACIONES ACERCA DEL MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE AMADEO GIORGI: ALCANCES Y LÍMITES

Resumen

Este artículo teórico tiene como objetivo presentar y discutir una de las propuestas metodológicas más utilizadas y difundidas dentro de la tradición fenomenológica en el campo de la investigación cualitativa en psicología, que es el método desarrollado por Amadeo Giorgi y basado en la fenomenología de Edmund Husserl. La intención será delimitar las posibilidades de llevar a cabo este método, así como discutir algunos de sus alcances y límites. Al final, el texto trae algunos indicios de que la perspectiva hermenéutica parece ofrecer una posibilidad más amplia e históricamente situada sobre el fenómeno a estudiar en comparación con el método más tradicional de Giorgi, siendo quizás un complemento de este.

Palabras-clave: Investigación cualitativa; Método fenomenológico; Amadeo Giorgi; Fenomenología; Hermenéutica.

INTRODUÇÃO

Embora amplamente utilizado no campo de estudos de pesquisas qualitativas na área da saúde, em particular na psicologia, o assim chamado “método fenomenológico” ainda carece de melhor explicitação e clarificação em sua aplicação. Isso porque, não é raro nos depararmos com estudos que lançam mão desse método sem que haja uma clara delimitação de seus pressupostos teórico-filosóficos de base. Ainda que Edmund Husserl seja considerado o fundador do movimento fenomenológico, no campo filosófico temos tantos outros autores influenciados direta ou indiretamente por ele que, ao constituírem seus próprios caminhos, ora se aproximaram, ora se distanciaram das ideias husserlianas em maior ou menor grau. Por esse motivo, como afirma Moreira (2004), o mais correto seria que falássemos em métodos fenomenológicos, no plural, uma vez que, a depender do pensamento fenomenológico que os sustenta – Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty – esse método pode se configurar de diferentes maneiras e sofrer variações, ainda que pontos de convergência entre eles também sejam identificados. Por outro lado, a despeito das especificidades de cada uma dessas fenomenologias e dos métodos delas derivados, Andrade e Holanda (2010) consideram que todas fincam suas bases em um eixo convergente, qual seja, a busca pelo significado da experiência.

Nesse sentido, objetivo do presente artigo consiste em apresentar e discutir uma das propostas metodológicas mais utilizadas e difundidas no interior da tradição fenomenológica no campo das pesquisas qualitativas em psicologia, que é o método desenvolvido por

Amadeo Giorgi e fundamentado na fenomenologia de Edmund Husserl. Além de demarcar as possibilidades de realização de tal proposta, o trabalho também procurará discutir alguns de seus alcances e limites.

A justificativa para a realização desta discussão se dá, em primeiro lugar, em decorrência da inserção da abordagem fenomenológica na área clínica/saúde e da frequência com que esta aparece como proposta metodológica em uma série de pesquisas qualitativas realizadas em psicologia. Além disso, diversos autores (Andrade & Holanda, 2010; DeCastro & Gomes, 2011; Zahavi, 2019a; 2019b; Silva, Vieira & Freire, 2020) vêm discutindo a necessidade de que esse método seja mais delimitado, especialmente no que concerne à explicitação de suas etapas e aos pressupostos teórico-filosóficos utilizados nos procedimentos de análise de dados. Outro aspecto que ressalta a necessidade da discussão do presente tema refere-se aos problemas e dificuldades que podem emergir quando se procura orientar um procedimento metodológico empírico em uma proposta que, em seu início, não foi elaborada para essa finalidade. Como é de amplo conhecimento, em sua origem com Edmund Husserl, a fenomenologia não foi concebida com o intuito de se constituir como uma ciência para analisar fatos empíricos, o que faz com que essa transposição para o campo empírico nem sempre seja isenta de dificuldades. Ademais, como já mencionado, em psicologia não se pode dizer que exista uma única fenomenologia, de modo que, quando falamos em método fenomenológico, é preciso considerar que, a depender do fundamento filosófico que o orienta, bem como de seu contexto de aplicação, esse método pode, inclusive, ter objetivos distintos.

O presente artigo está organizado em três partes. Em um primeiro momento, apresentará brevemente as origens da fenomenologia com Edmund Husserl. Na sequência, discutirá o método fenomenológico desenvolvido por Amadeo Giorgi para a aplicação da fenomenologia em contexto empírico e, por fim, apresenta e discute algumas de suas dificuldades e limites.

DESENVOLVIMENTO

Breve apresentação sobre o projeto fenomenológico de Edmund Husserl

Em relação ao projeto fenomenológico de Edmund Husserl, um primeiro aspecto importante a ser destacado é que ele teve como propósito inicial o desenvolvimento de um método que permitisse à filosofia lidar com alguns dos problemas epistemológicos presentes nas ciências, especialmente o estado de imperfeição teórica e falta de clareza destas últimas quanto aos seus fundamentos de base. Diante desse cenário, caberia à fenomenologia auxiliar as ciências a ancorarem seus saberes em uma concepção racional de verdades e valores que fossem universalmente válidos, sendo preciso, para isso, afastar-se de toda e

qualquer tentativa de fundamentar conhecimentos universais, como a lógica e a matemática, em algo contingente, empírico e particular, como o psiquismo (Husserl, 2007/1900). Nesse sentido, o que importava para Husserl era encontrar um novo fundamento para as teorias do conhecimento em geral e fazer da fenomenologia uma ciência originária, capaz de fundamentar todas as outras (Goto, 2008).

Nesse percurso de elaboração, a fenomenologia passou por diversas fases, as quais podem ser sintetizadas em ao menos duas etapas. A primeira é marcada pela publicação da obra, *Investigações Lógicas* (1900-1901), na qual Husserl apresenta suas preocupações epistemológicas e propõe uma fenomenologia puramente descritiva das vivências da consciência na relação com seus objetos. E a segunda, comumente agrupada sob o título de “escritos tardios” (Zahavi, 2015) e que tem, em seu início, a apresentação e desenvolvimento da fenomenologia transcendental, cujo objetivo seria investigar as condições de possibilidade para todo e qualquer conhecimento, bem como elaborar o método fenomenológico e suas etapas. Além disso, os escritos tardios trazem, mais ao final da produção acadêmica do autor, a noção de “mundo da vida” (*Lebenswelt*), que tematiza o papel do horizonte fáctico para o interior da fenomenologia na medida em que enfatiza a experiência vivida e pré-reflexiva com o mundo e vai além da fenomenologia transcendental.

A despeito das diferenças existentes entre essas etapas, a ênfase da fenomenologia sempre esteve na busca de um conhecimento que, para ser seguro, não poderia partir de suposições teóricas de outros campos de estudo (metafísica, naturalismo etc.), mas sim de um estudo detalhado e rigoroso das estruturas da consciência, uma vez que apenas nela seria possível encontrar a evidência necessária e constituinte das várias formas de conhecimento. Com isso, ao eleger a consciência como tema central da fenomenologia, Husserl argumenta que é por meio de nossas “experiências, tal como elas são dadas a partir de uma ‘perspectiva de primeira pessoa’” (Zahavi, 2015, p. 21), que podemos compreender o que *algo é e como é*. Isso quer dizer que a fenomenologia não busca explicar a consciência mediante pressupostos previamente dados pela tradição filosófica ou científica, mas sim procura descrevê-la enquanto tal.

Contudo, como bem salienta Sokolowski (2000), esse retorno à experiência em nada se aproxima de um subjetivismo que se volta a um mundo *intramental*, como se o conhecimento estivesse unicamente *dentro* do sujeito, uma vez que, para Husserl (2006/1913), a consciência é sempre intencional, ou seja, ela não é um receptáculo de representações ou de conteúdos fechada em si mesma, mas sim dirigida aos objetos. Daí, portanto, o mote básico fenomenológico de que toda consciência é consciência de alguma coisa, isto é, direcionada e lançada aos objetos. Dessa forma, com o conceito de intencionalidade, Husserl supera concepções objetivistas que apresentam a consciência como um receptáculo e rompe, por sua vez, com as concepções subjetivistas para as quais o objeto percebido ou conhecido pela consciência nada mais seria que uma representação ou imagem mental da realidade exterior. Essas duas tradições (empirista e subjetivista), embora

distintas, partem de um mesmo pressuposto básico, qual seja, de que há uma realidade objetiva fora do sujeito e de que é preciso saber como acessá-la. Desse modo, quando Husserl diz que toda consciência é consciência de algo e que toda consciência visa a um objeto, ele não está dizendo que consciência e objeto são entidades que existem separadamente e que se relacionam, mas sim que consciência e objeto se definem a partir de uma *correlação* que lhes é *cooriginária* e que a consciência possui uma atividade de direcionar-se às coisas de modo a lhes doar um sentido (Moura, 2006). Isso quer dizer que a fenomenologia não falará de *coisas em si*, de fatos, que seriam independentes da consciência, mas sim dos *modos como* as coisas aparecem à consciência, mais precisamente, “sob o ângulo do sentido que esses fenômenos têm para os sujeitos que os vivem” (Giorgi, 2008, p. 389).

Assim, à filosofia caberia a tarefa de chegar à evidência do conhecimento pela via da experiência consciente, pois apenas pelo retorno a ela é que seria possível encontrar uma fonte segura de conhecimento que não pudesse ser questionada ou refutada (Zahavi, 2015). Para que isso fosse possível, esse conhecimento não poderia partir do pressuposto tácito já enraizado na atitude natural de que o mundo e as coisas existem em si mesmos, mas sim deve colocar entre parênteses ou suspender essa crença que atravessa as ciências de modo geral, a fim de que possa enfim ser colocado um questionamento filosófico radical (Zahavi, 2019a; 2019b). Essa seria a essência do método fenomenológico.

O primeiro passo do método fenomenológico é apresentado por Husserl (2006/1913) como sendo a *epoché*, que significa colocar entre parênteses ou em suspenso toda a validade da *atitude natural*. Por atitude natural ele entende a posição acrítica e não reflexiva da qual partem tanto o senso comum quanto as ciências naturais, haja vista que estão absorvidos na crença de que as coisas existem *em si* e estão aí para serem conhecidas. Adotar a *epoché*, portanto, nada mais é que uma atitude de recuar diante das próprias crenças ou julgamentos acerca das coisas, a fim de que seja possível a *redução transcendental*, o retorno àquilo que resta da *epoché*, isto é, os fenômenos enquanto correlatos dos atos subjetivos. Ou seja, “ao analisar como e de que forma quaisquer objetos se apresentam a nós, nós também acabamos por descobrir os atos intencionais e as estruturas experienciais em relação aos quais qualquer objeto que apareça precisa necessariamente ser entendido” (Zahavi, 2019a, p. 334).

Além da *epoché* e da redução, o método também envolve a descrição dos objetos intencionais tal como se apresentam e se mostram à consciência e, também, a busca pelas essências. Esta última etapa nada mais é que a apresentação da essência do fenômeno, aquilo sem o que o fenômeno não pode ser o que é. As essências, portanto, estão no campo das idealidades e, para se chegar a elas, seria necessário lançar mão do recurso de variação livre a imaginativa apresentada por Husserl, a qual pode ser descrita em linhas gerais como a modificação, pela via imaginativa, dos diferentes aspectos possíveis que compõem um fenômeno, atendo-se àqueles sem os quais o objeto passaria a ser uma outra coisa que não

ele. Com a variação imaginativa, o que se procura é chegar àquilo que permanece imutável (essência) em relação à experiência com certo objeto intencional (Giorgi, 2008). O que está em discussão para Husserl, dessa forma, é a realização de uma redução transcendental, ou seja, o retorno ao fundamento do conhecimento mediante a correlação consciência-mundo.

Desse modo, pode-se definir a fenomenologia husserliana a partir de quatro aspectos fundamentais: a) ela é *descritiva*, isto é, não parte de pressupostos ou postulados, mas descreve de modo cuidadoso o fenômeno sobre o qual se costuma buscar explicações; b) seu objetivo é a *clarificação*, ou seja, não tem por propósito oferecer leis que visem explicar a existência das coisas, mas sim demarcar as distinções entre as coisas, as quais permitem compreender o que é ser algo deste ou daquele tipo; c) por essa razão, a fenomenologia se constitui enquanto uma investigação *eidética*, que em vez de descrever fatos ou coisas concretas em particular busca descobrir aquilo que lhes pertence em essência; d) a fenomenologia é uma investigação *reflexiva*, pois não se volta às coisas em si, mas à experiência que a consciência tem delas (Crowell, 2012).

Método fenomenológico empírico proposto por Amadeo Giorgi

Quando nos debruçamos sobre as propostas de transposição do método fenomenológico filosófico para o âmbito das pesquisas qualitativas em psicologia, um primeiro aspecto a ser considerado é que não há como essa passagem se dar de modo direto, como se a mera aplicação do método filosófico a um contexto exterior a ele pudesse ocorrer sem maiores dificuldades ou ajustes. Um dos principais autores responsáveis por elaborar uma tentativa nessa direção é o norte-americano Amadeo Giorgi, um dos pioneiros nessa empreitada. Para o autor, o trabalho em nível científico exige algumas adaptações em relação ao método filosófico. A primeira delas é considerar que, em uma pesquisa, quem descreverá a própria experiência são os participantes, os quais farão isso a partir de uma perspectiva orientada pela atitude natural. Nesse sentido, a segunda modificação em relação ao método filosófico é que a pessoa que irá adotar a atitude fenomenológica não é aquela que relata a sua experiência, mas sim o pesquisador, uma vez que não se pode esperar que todos saibam ou possam suspender seus pressupostos. Com isso, o que o pesquisador terá enquanto material a ser analisado é sempre a versão da pessoa, ou seja, sua interpretação sobre aquilo que experienciou e não a pura vivência. Por fim, uma última modificação se dá em relação à natureza da essência buscada ao fim da investigação empírica, pois enquanto o método filosófico dirige-se às essências ideais e universais, as ciências buscam a essência dos significados expressos pelos sujeitos acerca de suas experiências (Giorgi, 2008).

Por outro lado, a despeito das adaptações que a fenomenologia empírica requer, há que se garantir que ao menos algumas condições e critérios sejam respeitados a fim de que seja possível afirmar que estamos ainda orientados por um método fenomenológico. Para

tanto, é preciso que, ao analisar os dados obtidos, o pesquisador seja: a) descritivo; b) empregue a redução fenomenológica; e c) busque por significações, ainda que não se trate de significações de essências. Esses critérios técnicos serão desenvolvidos durante a nossa exposição subsequente sobre os passos metodológicos propostos por Giorgi.

Em suma, o autor apresenta um método de análise por meio do qual seja possível obter descrições, o mais detalhadamente possível, de experiências vividas em relação a alguma situação ou contexto. Essas descrições podem ser obtidas de vários modos, seja via relatos e depoimentos (escritos ou orais), ou mediante entrevistas (que deverão ser transcritas), o que faz com que a primeira etapa do método seja justamente a *coleta dos dados verbais*. Para isso, o que se tem observado é a preferência pelo uso de entrevistas com a utilização de perguntas abertas e que busquem pela experiência, como por exemplo “como é para você...”, “como foi experienciar...”. Ou então, seguindo a sugestão de Giorgi, questionar “Descreva-me, por favor, uma situação na qual você tenha...”. Nesse tipo de pesquisa cabe ao pesquisador trazer os participantes para o que foi ou está sendo experienciado, sem deixar com que generalizem ou tragam apenas descrições abstratas. Daí a importância do pesquisador pedir a descrição de uma experiência ocorrida em situações específicas (Giorgi, 2008).

No caso específico das entrevistas, o pesquisador tem a oportunidade de ir aprofundando aquilo que está sendo relatado, de modo semelhante ao que acontece em uma situação de atendimento clínico, na qual cabe ao psicoterapeuta fazer colocações que favoreçam com que o relato se aproxime o máximo possível do que está sendo experienciado. Para que isso ocorra, López (2014) considera que a realização da entrevista e a condução da mesma por parte do pesquisador é de fundamental importância, pois o quanto a pessoa conseguirá trazer sua experiência depende também de como o entrevistador pergunta, escuta, resume o que está compreendendo e responde. Embora o autor não situe o leitor em relação a qual orientação fenomenológica se fundamenta, algumas dimensões são interessantes de serem ressaltadas no que diz respeito à condução da entrevista, pois não se pode negligenciar o fato de que se trata de um momento crucial para a coleta dos dados.

Segundo o autor, uma entrevista fenomenológica envolve duas dimensões fundamentais, a saber, uma relacional e outra técnica. A primeira está relacionada às atitudes que devem orientar a escuta e o modo como o pesquisador se coloca na relação com o entrevistado. A respeito da *dimensão relacional*, ele apresenta como algumas das atitudes fundamentais: estar plenamente presente, atento e de modo genuíno com o entrevistado; despir-se dos próprios juízos acerca do que está sendo dito e do modo como a outra pessoa expressa sua experiência a fim de compreender o modo peculiar e singular do experienciar que está sendo escutado; abertura para tudo o que pode emergir, sem buscar algo em particular e nem valorizar mais um aspecto do que outro durante o diálogo; seguir o ritmo e a direção das expressões utilizadas pelo entrevistado; estar disposto a reconhecer o

impacto e a ressonância corporal e afetiva que aquele encontro pode mobilizar. Já no que concerne aos modos de interação, o autor diz que o entrevistador precisa: criar um espaço em que favoreça ao entrevistado sentir-se acolhido, aceito e seguro para falar de suas experiências; utilizar-se daquilo que está sentindo e como está sendo impactado para orientar sua interação durante a entrevista e assim compreender o outro e facilitar que este aprofunde ainda mais seu relato; utilizar falas, expressões e palavras do entrevistado a fim de que se sinta compreendido; atentar-se às expressões corporais a fim de observar se parecem caminhar na mesma direção da fala; fazer perguntas abertas (López, 2014).

Em relação à *dimensão técnica* ressaltaremos aqui apenas alguns aspectos, pois vários, por vezes, se misturam ao que ele apresenta em relação às atitudes: oferecer ao colaborador a oportunidade de se atentar a uma situação concreta que se relacione ou explicita a experiência relatada, bem como perguntar como ele se sente em relação àquela situação; tomar o cuidado de não determinar em que ordem ou tempo o entrevistado deve abordar certos aspectos de sua experiência; além de solicitar determinadas informações, o pesquisador cuidará de auxiliar a pessoa a continuar explorando sua experiência e a expressá-la, solicitando exemplos, ampliações, enfim, permanecendo o máximo possível naquele relato; verificar se sua compreensão está de acordo com a compreensão do entrevistado; dar à pessoa o tempo que ela necessitar e assim permitir que naquele momento esgote o que tem a dizer, sem interrompê-la ou conduzi-la para outro tema antes que ela finalize; solicitar detalhes ou esclarecimentos diante do uso de expressões vagas ou genéricas; permitir que o colaborador fale sobre temas aparentemente desconexos com o tema da pesquisa até certificar-se de que realmente não tenham ligação com ele; não discutir a opinião do entrevistado e não expressar a própria opinião sobre o tema; avaliar a possibilidade de haver mais uma entrevista se apenas um encontro não for considerado suficiente (López, 2014).

Como se pode observar, a entrevista corresponde a um momento crucial da pesquisa e, conforme apresenta López, o pesquisador tem o papel de conduzir essa etapa com cuidado e rigor, uma vez que se trata de um momento de encontro intersubjetivo que vai além de uma coleta de dados. Apesar disso, Giorgi (2008) não se demora tanto em sua apresentação dessa etapa metodológica e uma hipótese para isso é porque este autor, na medida em que está atrelado à visão husserliana, parte do princípio de que a experiência emerge da intencionalidade da consciência, o que faz com que o diálogo e o modo de ser do entrevistado, bem como a presença do pesquisador, não apareçam como tão relevantes nesse momento. Esses aspectos serão discutidos mais adiante. Por ora, voltemos às etapas.

Após a obtenção dos dados verbais, o segundo passo consiste na *leitura dos dados* na íntegra, com o objetivo de apreender o sentido global dos relatos. Esse momento de leitura é apenas um contato inicial com o material, sem qualquer tentativa de se estabelecer categorias de análise. Segundo Giorgi (2008; 2012), esse momento é necessário, pois é quando o pesquisador poderá perceber como as partes desse todo vão se constituindo e

sendo construídas pela pessoa em seu relato. Isso quer dizer que nenhum aspecto tomado como revelador da experiência será compreendido de modo desarticulado da totalidade significativa que engendra aquela experiência relatada. É só depois desse passo que é possível avançar para o seguinte, qual seja, *a divisão dos dados em unidades de significação*. Nesse momento, o pesquisador deve fazer quantas releituras do texto julgar necessárias a fim de destacar e discriminar unidades de significação, isto é, partes em que percebe que o fenômeno a ser pesquisado aparece. Desse modo, encontrará tantos sentidos quanto aquele relato lhe permitir. O autor ressalta três aspectos relevantes nesse momento da análise. O primeiro é que as unidades ali apreendidas ainda permanecem expressas na linguagem comum do colaborador da pesquisa. O segundo é que as unidades não estão prontas nos relatos, mas sim são fruto da atividade do pesquisador que apreende o que está sendo mostrado e organiza aquilo que está sendo dito dentro de uma atitude natural. Já o terceiro aspecto ressaltado por ele é que essas unidades devem ser construídas em virtude do fenômeno que está sendo investigado naquele estudo e de acordo com a disciplina científica na qual ele está sendo realizado, no nosso caso, a psicologia.

Realizada a etapa anterior, a quarta consiste na *organização e enunciação dos dados brutos na linguagem da disciplina*, que é quando as unidades de significação são examinadas e exploradas com mais detalhes, a fim de que a linguagem e palavras dos participantes sejam traduzidas e explicitadas em linguagem psicológica. Para isso, de início o pesquisador precisa assumir a atitude de redução fenomenológica psicológica (nota – diferente da redução fenomenológica transcendental), quando resistirá em trazer qualquer conhecimento passado para explicar o que está sendo apreendido no presente. Isso quer dizer que o pesquisador deve se ater ao fenômeno ali expresso e se pautar apenas nele. É só a partir dessa atitude que buscará, então, reduzir cada unidade de significação à sua essência psicológica, de modo a reformulá-las nos termos dessa disciplina e expressá-la em sentido especializado. É nessa etapa, ainda, que o pesquisador lança mão do método de variação livre e imaginativa a fim de que possa decidir quais unidades são essenciais ao fenômeno pesquisado, o que lhe permitirá descrever a estrutura essencial da experiência concreta vivida. Para isso, o pesquisador decide que partes da descrição poderiam ser retiradas sem que se comprometesse a estrutura de totalidade significativa daquele relato, ou seja, precisa decidir o que é ou não essencial a essa estrutura a fim de que ela permaneça enquanto tal (Giorgi, 2008; 2012; Gomes, 1997).

Por fim, a última etapa acontece na elaboração de *síntese dos resultados*, momento em que a estrutura essencial é usada para ajudar a esclarecer e interpretar os dados brutos da pesquisa. Nesse momento, o pesquisador pode, inclusive, redigir um novo texto no qual expresse, a partir dos conceitos e termos fenomenológicos, a estrutura apreendida, bem como as conexões entre as várias unidades de significação. Trata-se, portanto, de uma etapa interpretativa.

Ainda sobre a dimensão técnica, um aspecto frequentemente colocado em discussão não apenas ao método fenomenológico e sua aplicação nas pesquisas empíricas, mas em relação às pesquisas qualitativas de modo geral diz respeito às dificuldades em como assegurar a credibilidade dos seus achados. A esse respeito, Tombolato e Santos (2020) apontam que é necessário, por parte do pesquisador, uma série de cuidados metodológicos a fim de garantir a confiabilidade dos resultados. Um deles consiste em estabelecer que um membro externo corrobore o ponto de vista do pesquisador. Para isso diversas estratégias podem ser utilizadas, como o interrogatório de pares a fim de identificar se apreendem a mesma estrutura do relato e se encontram unidades de sentido semelhantes. Como diz Gomes (1997), o papel dos pares nesse caso seria “questionar a consistência factível da descrição, dos procedimentos redutivos de exploração e de especificação da descrição, com a pertinência da interpretação” (p. 16). Além disso, na eventual possibilidade de um ou mais pesquisadores colaboradores apresentarem divergência, abre-se também a possibilidade de novas interpretações aparecerem. Outra estratégia é a triangulação de dados, ou seja, utilizar diferentes procedimentos a fim de observar se os dados obtidos avançam para a mesma direção, como por exemplo, além de entrevistas, utilizar uma narrativa por escrito ou outras estratégias.

Alguns limites do método fenomenológico

10

Em relação ao método proposto por Giorgi, alguns questionamentos feitos por Zahavi (2019a) são válidos. O autor argumenta que uma psicologia fenomenológica empírica poderia prescindir dos passos de redução, uma vez que mesmo “que o psicólogo fenomenológico efetue algum tipo de *epoché* vis-à-vis com o mundo e que se abstenha de postulações existenciais, tanto a vida intencional que ele está investigando quanto os fenômenos psíquicos que ele está descrevendo permanecem fatos mundanos” (p. 335) e não visa, como queria Husserl (2006/1913), o acesso à consciência pura e imanente das coisas. Isso quer dizer que a psicologia, mesmo aquela denominada fenomenológica, é considerada por Zahavi como uma ciência que habita uma atitude natural na medida em que não é seu objetivo levar a cabo uma redução transcendental. Isto é, o psicólogo pesquisador que se utiliza do método fenomenológico não é um filósofo e nem teria que ser. Contudo, a partir do momento em que lança mão de conceitos como esses, o autor entende que o pesquisador corre o risco de usar termos fora de seu contexto e, ainda, utilizá-los de modo equivocado, posto que mesmo com as orientações acerca da suspensão dos pressupostos teóricos e explicações prévias, o pesquisador ainda estaria no interior da atitude natural. Além disso, como também aponta Spiegelberg (1982), no campo das pesquisas empíricas, a redução fenomenológica não é utilizada do mesmo modo pelos pesquisadores, trazendo divergências em relação a sua maneira de aplicação e, até mesmo, em como é compreendida.

Outro aspecto digno de nota refere-se à direção em que caminha o projeto fenomenológico husserliano e aquela que segue uma pesquisa empírica fenomenológica. Para Husserl, sua análise caminha da descoberta da intencionalidade da consciência para uma dimensão transcendental. Ou seja, o que está em discussão para ele quando percebe que os objetos não existem por si mesmos, mas aparecem para uma consciência que lhes percebe mediante um ponto de vista subjetivo, é entender como é possível a consciência sintetizar todas essas formas de aparição, de modo a se dirigir a algo que não lhe foi dado de maneira explícita e imediata. E o que interessa à filosofia é justamente se voltar para a consciência e seus atos a fim de clarificá-los. Assim, tudo se passa como se Husserl caminhasse das infinitas possibilidades de perspectivas intencionais para, no limite, olhar para aquilo que subjaz essa estrutura de conhecimento. É para esse fim que a redução fenomenológica existe. Contudo, quando o que está em discussão são as experiências relatadas pelos participantes, podemos afirmar que o olhar do pesquisador recai justamente na intencionalidade. Busca-se o “como” alguém experiencia uma dada situação, porém não para fazer uma inflexão que remeta aos fundamentos da consciência, afinal isso é tarefa da filosofia, mas sim para encontrar uma certa estrutura de essência entre as diversas experiências relatadas.

Nesse sentido, Zahavi (2019a) questiona a relevância de se manter esses princípios a fim de que uma pesquisa seja considerada fenomenológica, pois entende que há tantas outras características da fenomenologia filosófica que poderiam ser mais relevantes para uma pesquisa qualitativa. Como exemplos, ele apresenta a crítica da fenomenologia ao cientificismo e seu reconhecimento da importância do mundo da vida; seu convite para que se possa adotar e desenvolver uma atitude de abertura não tendenciosa na apropriação e compreensão do que está sendo analisado (atitude esta que, segundo o autor, não deve ser confundida com a *epoché* em sentido estrito); a análise cuidadosa que a fenomenologia e suas várias vertentes (Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty) traz acerca da existência humana e sua compreensão como um sujeito corporificado e enraizado em um mundo histórico (Zahavi, 2019b).

Com isso, o autor considera que mais importante do que buscar adotar um método filosófico, talvez fosse mais profícuo aos pesquisadores de pesquisas qualitativas fenomenológicas constituírem suas pesquisas em fundamentos fenomenológicos centrais, como “mundo da vida, intencionalidade, empatia, experiência pré-reflexiva, horizonte, historicidade e corpo vivido” (Zahavi, 2009b, p. 904). Assim, muito além de estar interessado na experiência em primeira pessoa de alguém, a pesquisa qualitativa fenomenológica seria a realização e adoção de um referencial teórico sobre os modos como alguém se relaciona consigo mesmo, com os outros e com o mundo (Zahavi, 2019b).

Como se pode observar, as críticas de Zahavi não questionam se a fenomenologia pode ou não ser relevante às pesquisas qualitativas, mas sim o modo como ela vem sendo utilizada nesse contexto. Entendemos que uma dessas críticas consiste na transposição de

um modelo de redução transcendental que, no limite, acaba por não considerar algo que vários dos seguidores de Husserl consideraram ser a grande dificuldade do projeto husserliano, a saber, a crença de que seria possível suspender por completo toda e qualquer espécie de julgamentos. Quando voltamos para a pesquisa em psicologia, esse passo metodológico fica ainda mais difícil de ser levado adiante, afinal, apenas é possível suspender algo que, de alguma forma, sei que me constitui. Além disso, quais são os pressupostos de um pesquisador? Suspenderá seus pressupostos pessoais, teóricos e quais outros? Em quais momentos do processo? Essas são apenas algumas questões que, sem grandes dificuldades, apontam para certa fragilidade do método proposto por Giorgi. Talvez, não por acaso, o estudo realizado por DeCastro e Gomes (2011) identificou que a maior parte das pesquisas nacionais que utilizam o método fenomenológico para a investigação da experiência não citam ou se referem à etapa da redução fenomenológica no procedimento. O problema que surge em relação a esse aspecto, contudo, é que pelos relatos dos autores, a não explicitação dessa etapa parece estar mais ligada a uma adoção não crítica do material a ser realizado do que propriamente um posicionamento contrário e com razões filosóficas bem delimitadas que justifique tal decisão. Além disso, quando observamos certas diretrizes em relação ao modo como a entrevista fenomenológica em pesquisa deve ser conduzida, não é raro encontrarmos destaque para o papel ativo do entrevistador nesse contexto e as habilidades requeridas para isso (López, 2014), bem como o emprego do método com uma ênfase na atitude acolhedora da escuta do pesquisador, sem que as etapas de análise dos dados recebam a atenção devida. Na revisão de literatura realizada por DeCastro e Gomes (2011), os autores destacam que as pesquisas realizadas no Brasil teriam essa característica, enquanto pesquisas publicadas em solo norte-americano parecem dar mais atenção às etapas da chamada redução fenomenológica, também já colocada em questão aqui em nossa discussão.

12

Em decorrência desses limites, os métodos fenomenológicos hermenêuticos interpretativos e aqueles fundamentados em autores influenciados por Husserl, tais como Merleau-Ponty, Sartre e Martin Heidegger, têm se apresentado como uma alternativa possível para serem utilizados na pesquisa empírica, uma vez que vão além do princípio husserliano da consciência e de seu método comprometido com uma fenomenologia transcendental, e consideram a existência como situada em um mundo historicamente situado, o qual é partilhado com outras pessoas e que se configura e se constitui em meio a uma rede de sentidos e significações que não tem como ser suspensa. Desse modo, autores como Merleau-Ponty e Sartre avançam de uma fenomenologia transcendental em direção de uma fenomenologia existencial, enquanto em Heidegger podemos encontrar uma fenomenologia hermenêutica. Com esses autores, podemos talvez questionar se o método proposto por Giorgi, na medida em que enfatiza sobremaneira a experiência de um ponto de vista que não considera a dimensão do mundo da vida compartilhado, bem como deixa sem discussão o fato de que a existência se dá em situação, não acaba por perder ou deixar de

fora elementos essenciais de ordem contextuais que permitem compreender um relato não apenas como expressão de uma pessoa individualmente, mas também como expressão de um horizonte histórico.

Desse modo, considerando os limites que temos aqui, vale pensar se propostas de fundamento hermenêutico, tais como os métodos orientados por Gadamer e Heidegger, por exemplo, não seriam um complemento interessante ao método clássico proposto por Giorgi (2008) e mais coerentes com o que sugere Zahavi (2019a; 2019b), uma vez que se trata de uma tradição que parte do princípio de que toda interpretação se dá no interior de certos contextos e, portanto, jamais pode ser neutra uma vez que está imersa em pressupostos e preconceitos que possibilitam a compreensão e a interpretação de algo. Aliás, Grondin (2003) defende que já em Husserl podemos observar a gênese de uma virada hermenêutica da fenomenologia. Na visão desse autor, a inflexão hermenêutica pode ser vista como uma radicalização do olhar fenomenológico a fim de que pudesse manter-se em torno de seu propósito de “voltar às coisas mesmas”. Quando voltamos para a obra husserliana, sua principal descoberta foi em relação à intencionalidade dos atos de consciência que sempre apreendem os objetos mediante uma visada de sentido. Em Husserl, contudo, a dimensão da significação não tinha ainda uma condição linguística e nem eram pensados a partir de sua historicidade tal como trará a hermenêutica. Para ele, o “retorno às coisas mesmas” consistia em remontar as palavras às coisas, uma vez que as palavras seriam simples instrumentos a serviço da intencionalidade. A virada hermenêutica da fenomenologia, por sua vez, descobrirá que as coisas não são tão simples como supunha Husserl, visto que percebe que um sentido, quando emerge e acontece, sempre se dá pela linguagem.

Assim, a hermenêutica vem enfatizar e chamar nossa atenção de que “não há sentido e pensamento a não ser no interior do horizonte de uma linguagem possível” (Grondin, 2003, p.10). É por isso que o autor entenderá que a virada hermenêutica da fenomenologia também será uma “radicalização hermenêutica da intencionalidade” (Grondin, 2003, p.11), na medida em que falar em intencionalidade e de doação de sentido e de significação é já se encontrar num horizonte linguístico. Assim, com a virada hermenêutica da fenomenologia, a linguagem aparece como a “condição de toda a intencionalidade, de toda visada de sentido e de toda consciência” (Grondin, 2003, p.13), de modo que não temos como sair da linguagem. Ocorre que, para a hermenêutica, a linguagem sempre se dá em situação, ela é fáctica, ou seja, se dá no interior de certos horizontes de sentidos e significados que se constituem na vida concreta, o que nos indica que o relato da experiência de alguém pode revelar muito mais do que estruturas essenciais. Além disso, alguns autores (Aun & Morato, 2009; Santana, 2009; Leite & Barreto, 2018), que trabalham com a proposta hermenêutica em pesquisas qualitativas no campo da psicologia, discutem o quanto a hermenêutica resguarda, em sua essência, a atitude fenomenológica de recuar, afastar-se, dar um passo atrás para poder *ver* aquilo que esteve sempre ali, mas não foi visto pelos olhos cotidianos apressados envolvidos na atitude natural. Além disso, algo

constantemente ressaltado pelas propostas fenomenológico-hermenêuticas diz respeito ao princípio de que todo entendimento acerca do mundo é interpretação e se dá no interior de uma situação histórica, o que traz o questionamento não colocado por Giorgi (2008) acerca do papel do pesquisador nesse tipo de pesquisa, uma vez que este compõe o cenário que investiga e está envolvido naquela situação. Nesse sentido, não se pode ser ingênuo em relação a esse aspecto.

Outro aspecto levantado por Silva, Vieira & Freire (2020) refere-se ao quanto um método que trabalhe com os relatos de experiências não pode deixar de fora de suas análises o aspecto alteritário inerente ao fenômeno estudado, isto é, não se pode perder de vista que, em meio às identidades encontradas em certas estruturas de sentido, como vemos na proposta de Giorgi (2008), há sempre também aquilo que escapa a essa estrutura. A pessoa que traz sua experiência partilha do mundo do pesquisador, mas também é um *outro* cujo relato não pode ser completamente esgotado. Assim, os autores trazem a discussão sobre o quanto é preciso construir um conhecimento rigoroso, porém sem que se sufoque a dimensão de alteridade e opacidade existente em uma psicologia que tem sua concepção de ser humano assentada em uma visão fenomenológica. O que acontece, na maior parte das vezes, contudo, é que ainda que o método fenomenológico empírico de Giorgi (2008) valorize a dimensão singular, os dados geralmente são organizados em busca de uma unidade e de regularidades, pois as categorias temáticas apreendidas costumam ser agrupadas por proximidade e naquilo que possuem em comum. As reflexões de Silva, Vieira & Freire (2020), todavia, não trazem a ideia de que essa busca pela identidade não deve existir, mas sim problematizam a necessidade do não esquecimento dessa dimensão, o que está em estreita relação com as limitações inerentes a qualquer investigação científica.

14

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do percurso apresentado, entendemos que o método fenomenológico proposto por Giorgi, embora muito utilizado nas pesquisas qualitativas em psicologia, pode apresentar alguns limites que precisam ser olhados com cuidado no momento de realização de uma pesquisa dessa natureza. Um desses limites é o risco de manter-se preso ao pressuposto de uma neutralidade do pesquisador a partir do momento em que confia que este possa suspender por completo aquilo que o orienta e que o constitui. Além disso, ao buscar a essência das experiências, pode deixar de considerar os aspectos históricos que as constituem, deixando de fora o fato de que a existência se dá situada e encarnada no mundo. Tal compreensão nos abre espaço para uma compreensão mais ampla das experiências estudadas, as quais não se dão pairando sobre a realidade, mas sim junto a esta. Consideramos que mediante um relato realizado em uma entrevista, por exemplo, o que se obtém está além da experiência consciente de alguém. O que se mostra e o que se

apreende mediante a linguagem (que não envolve apenas a fala), é um modo de se colocar no mundo. Aquele que fala faz isso de um lugar, isto é, de um ponto de vista, de um horizonte histórico interpretativo. Por isso, levar em conta a experiência e o papel do pesquisador em uma entrevista é algo que não pode ser desconsiderado, pois este também fala, sente, vê e compreende de certo lugar, que traz consigo também rastros do mundo partilhado com o entrevistado, haja vista que habitam o mesmo momento histórico.

Consideramos que estudos futuros possam aprofundar as discussões sobre como a hermenêutica pode contribuir com a proposta de Giorgi, pois para a primeira, o pesquisador, ao buscar a essência da experiência, não toma a estrutura obtida em um sentido de verdade abstrata, desarticulada do horizonte histórico e dos nexos de sentido mundanos que compõem e constituem aquilo que está sendo dito. A hermenêutica parece possibilitar com que o retorno à experiência seja feito sem que se deixem de fora esses elementos tão essenciais quando o que se busca é não perder de vista o potencial crítico desconstrutivo da fenomenologia, tal como adverte Zahavi (2019a; 2019b).

Não queremos com isso trazer a ideia equivocada de que o método de fundamento fenomenológico hermenêutico poderia corrigir a proposta de Giorgi ou ser mais indicado que este. Ao contrário, talvez seja profícuo discutir se podem se tratar de propostas complementares, uma vez que se Giorgi busca a essência unificadora, a hermenêutica busca a alteridade. Habitar esse ponto de tensão entre as duas propostas, sem tentar conciliá-las em suas diferenças, pode ser um desafio para novas pesquisas que versem sobre o campo das pesquisas fenomenológicas.

15

REFERÊNCIAS

Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre a pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 27(2), 259-268. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>

Aun, H. A., & Morato, H. T. P. (2009). Atenção psicológica em instituição: plantão psicológico como cartografia clínica. In H. T. P. Morato, C. L. B. Barreto, & Nunes, A. P. (Coords.). *Aconselhamento Psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução* (pp. 121-138). Guanabara Koogan.

Santana, A. M. (2009). A experiência do usuário: via de resignificação do cuidado em ambulatório público de saúde mental. In H. T. P. Morato, C. L. B. Barreto, & Nunes, A. P. (Coords.). *Aconselhamento Psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução* (pp. 217-232). Guanabara Koogan.

Barreto, C. L. B., & Morato, H. T. P. (2009). A ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. In H. T. P. Morato, C. L. B. Barreto, & Nunes, A. P. (Coords.). *Aconselhamento Psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução* (pp. 41-51). Guanabara Koogan.

Crowell, S. (2012). A fenomenologia husserliana. In: Dreyfus, H. L.; Wrathall, M. A. (Orgs.). *Fenomenologia e Existencialismo* (pp. 23-42; Cecília C. Bartalotti & Luciana Pudenzi, trads.). Loyola.

DeCastro, T. G., & Gomes, W. B. (2011). Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, 28(2), 153-161. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200003>

Giorgi, A. (2008). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In J. Poupart (Org.), *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp.386-409). Vozes.

Giorgi, A. (2012). The descriptive phenomenological psychological method. *Journal of Phenomenological Psychology*, 43, 3–12. <https://doi.org/10.1163/156916212X632934>

16

Gomes, W. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8 (2), 305-336. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000200015>

Goto, T. A. (2008). *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. Paulus.

Grondin, J. (2003). *Le tournant herméneutique de la phénoménologie*. PUF.

Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Ideias & Letras. (Originalmente publicado em 1913).

Husserl, E. (2007). *Investigações lógicas* (Vols. 1 e 2; Carlos Aurélio Morujão, trad.). Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Originalmente publicado em 1900).

Leite, D. F. C. C. S., & Barreto, C. L. B. (2018). Hermenêutica existencial e pesquisa em psicologia clínica: caminhos possíveis. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 11(6), 251-279. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2018.v.6.n.11.178>.

López, S. M. (2014). La entrevista fenomenológica: una propuesta para la investigación en psicología y psicoterapia. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies*, 20(1), 71-76. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v20n1/v20n1a09.pdf>

Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em Psicopatologia. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 17 (3), 447-456. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>

Moura, C. A. R. (2006). Prefácio. In E. Husserl. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (pp. 15-23; Marcio Suzuki, trad.). Ideias & Letras.

Silva, C. M., Vieira, E. M., & Freire, J. C. (2020). Pesquisa fenomenológica em psicologia: ainda a questão do método. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(2), 199-207. <https://doi.org/10.18065/2020v26n2.7>

Sokolowski, R. (2000). *Introdução à fenomenologia*. (Alfredo de Oliveira Moraes, trad.). Loyola.

Spiegelberg, H. (1982). *The phenomenological movement: a historical introduction*. Martinus Nijhoff.

Tombolato, M. A., & Santos, M. A. (2020). Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI): fundamentos básicos e aplicações na pesquisa em psicologia. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(3), 293-304. <https://doi.org/10.18065/2020v26n3.5>

Zahavi, D. (2015). *A fenomenologia de Husserl*. (Marco A. Casanova, trad.). Via Verita.

Zahavi, D. (2019a). Fenomenologia aplicada: porque é seguro ignorar a epoché. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 25(3), 332-341. <https://doi.org/10.18065/RAG.2019v25n3.12>.

Zahavi, D. (2019b). Getting it quite wrong: Van Manen and Smith on phenomenology. *Qualitative Health Research* 29(6), 900-907. <https://doi.org/10.1177/1049732318817547>.

Recebido em: 24/10/2022

Reapresentado em: 13/02/2023

Aprovado em: 14/02/2023

¹ Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Unesp/Bauru. Graduada em Psicologia pela mesma instituição. Atualmente é docente e supervisora clínica na abordagem Fenomenológico-Existencial na Universidade Paulista de Sorocaba/SP, bem como psicoterapeuta de orientação fenomenológica em consultório particular. E-mail: psica_ca@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5399-0779>